

O DESENVOLVIMENTO DO CRITICISMO DE KANT: EVOLUÇÃO E PROBLEMAS NA PASSAGEM DO PÓS AO NEOKANTISMO

*The development of Criticism in Kant:
evolution and problems in the passage from post-Kantism to Neo-kantism*

Lindomar Rocha Mota *

Resumo: Este artigo discute a evolução do pensamento kantiano a partir do conceito de *coisa-em-si*. A divisão da realidade entre fenômeno e noumeno marca claramente uma preocupação posterior nos discípulos e seguidores deste autor. O modo como os ditos conceitos evoluíram, de maneira diferente é tema principal na reelaboração constitutiva do Criticismo. Dois pontos são ressaltados no debate: a visão dos pós-kantianos e *Neokantianos*, especialmente Liebmann e Cohen, seguidores tardios que julgaram ser necessária uma adaptação à filosofia kantiana. Em todo caso, é possível perceber a pouca fidelidade de ambos ao pensamento do autor. A filosofia crítica deixa de ser o parâmetro de sua própria interpretação para entrar num projeto puramente evolutivo a respeito da ética, da metafísica e da história.

Palavras-chave: Kantismo, pós-kantismo, neokantismo, liberdade, ideia.

Abstract: This article discusses the evolution of Kantian thought from the notion of the thing-in-itself. The division of reality between phenomenon and noumenon clearly became a concern for Kant's disciples and followers. The

* Professor da Faculdade Arquidiocesana Curvelo (FAC/PUC-Minas). Artigo recebido no dia 20/07/2013 e aprovado para publicação no dia 11/12/2013.

ways these concepts develop is the central theme of the constitutive reworking of Criticism. Two points are emphasized in the debate: the vision of the post-Kantians and that of the neo-Kantians, especially Liebmann and Cohen, later followers who felt it necessary to adapt Kantian philosophy to new challenges. In any case, both tendencies show little fidelity to the author's thought. Critical philosophy ceases to be the parameter of its own interpretation to enter into a purely evolutionary project about ethics, metaphysics and history.

Keywords: Kantianism, post-kantianism, neo-kantianism, freedom, idea.

1. Introdução

A tarefa atual de definir o que se entende por filosofia *Crítica*, talvez seja a que requeira um maior empenho por quem deseje penetrar no pensamento de Kant; isto não porque faltem disposições ou materiais para ela, mas pelos grandes nomes que se empenham em resolvê-la. Entretanto, a situação problemática de interpretação do Criticismo não é atenuada mediante a adesão em massa daqueles que se colocaram ao seu serviço, cujo efeito, ao contrário do que se pretendia, abre uma espiral crescente de problemas que se reproduzem de contínuo.

Portanto, qualquer tema sobre o pensamento de Kant precisa considerar certo domínio sobre a história de seus intérpretes. Separar, pois, Kant do Criticismo parece já não ser possível nem necessário, embora se possa pretender uma divisão metodológica entre a formação do Idealismo e a inserção dos *Neokantianos*¹ no já disputado domínio do *Criticismo*.

Muito embora os pós-kantianos, não representem um problema significativo para a interpretação do pensamento de Kant por se tratar de uma tentativa consciente de desenvolver a filosofia crítica², sua influência se faz sentir, sobretudo nas teses neokantianas, que já possuem duas orientações:

a) são inspirados pela construção filosófica dos pós-kantianos, sobre muitos aspectos independentes e até antagônicos ao Criticismo de Kant³;

¹ LIEBMANN, O. *Kant und die Epigonen. Eine Kritische Abhandlung*. Berlin: Reuther-Richard, 1912, p. 204. É do erro desses primeiros intérpretes que Liebmann pretende liberar a interpretação do Criticismo. A segunda investigação pode começar no período pós-Liebmann, BOUREL, D. Le retour des néo-kantiens, in *Archives de Philosophie*, 54 (1991) 519, e compreende a interpretação dos neokantianos, e da crítica sempre crescente ao sistema dos pós-kantianos e do próprio Kant. POMA, A. *La filosofia crítica di Hermann Cohen*. Milano: Mursia, 1988, p. 11-27.

² HARTMANN, N. *Die Philosophie des deutschen Idealismus*, Bd. I. Berlin-Leipzig: Walter de Gruyter & Co. 1923, p. 6-42.

³ Segundo Poma, a condição em que a filosofia se encontrava no século XIX era tal a propiciar o re-pensamento da inteira filosofia vigente: "L'invito pressante a ritornare a Kant, lasciato da Zeller nel 1862 e da Liebmann nel 1865, si rivolgeva a una situazione culturale

B) sugerem um *retorno* a Kant, sobre a pretensão de corrigir os pontos questionáveis na doutrina do mestre⁴.

Por outro lado, não é tarefa das mais simples definir com exatidão o quadro completo do neokantismo⁵, por se tratar de uma doutrina heterogênea e disputada entre filósofos como Heidegger e Cassirer⁶. Daqui, deduzimos a necessidade de expor, ao menos de maneira emblemática, a influência dos *Neokantianos* a partir de Liebmann, com certa reserva⁷, para descobrirmos

particularmente critica per la filosofia: il ‘crollo del sistema hegeliano’ e con esso della filosofia nel suo insieme (che per molto tempo aveva legato strettamente la sua sorte all’idealismo speculativo e in particolare al sistema di Hegel) avevano creato un vuoto nella cultura filosofica”. POMA, A. **La filosofia critica di Hermann Cohen**. p. 11. Mas o neokantismo de Cohen, muito bem apresentado por Poma, é também uma espécie de revisão do pensamento de Kant, bem como de uma multiplicidade de tendências que reclamam, cada uma a seu modo, o pensamento Crítico.

⁴ Sobre o polêmico tema do *retorno* a Kant, Dussort apresenta as dificuldades e incoerências que envolvem a questão: DUSSORT, H. **L’École de Marbourg**. Paris: Presses Universitaires de France, 2002. p. 20-21: “Il en va de même, d’une façon générale, du sens du rapport à Kant. Quand M. Goldmann déclare que son travail ‘ne veut en aucun cas reprendre une fois de plus la parole si souvent répétée de ‘retour à Kant’ et qu’au contraire, tout ‘retour’ lui semble déjà une trahison de la pensée du philosophe qui fait de l’avenir et non pas du passé le centre de son système [...], il semble sous-entendre que ce retour ne peut être qu’un *repli* pur et simple sur des positions passées et dépassées, auquel il appose une *reprise* de ce qui constitue la ‘véritable importance’ de Kant, ‘encore vivante et réelle pour le présent et pour l’avenir’. Mais c’est, ici encore, exactement ce que se sont proposé les principaux membres de l’École de Marbourg. Écoutons Cohen: ‘Lorsque, pour notre vue d’ensemble, nous nous réclamons de la méthode critique de Kant, nous nous sentons, ce faisant, libres de toute dépendance dogmatique’. Écoutons Natorp: ‘Nous ne fûmes jamais d’avis de devoir ou de vouloir nous cramponner inconditionnellement aux thèses de Kant. Ce qu’on a dit sur un kantisme orthodoxe de L’École de Marbourg ne fut jamais fondé, et a perdu, avec le développement ultérieur de cette École, même l’apparence la plus lointaine de justification [...]. On ne pouvait vouloir revenir à Kant que pour aller plus loin dans la direction de la connaissance fondamentale, acquise grâce à lui à la philosophie de façon impérissable, en poursuivant dans sa pureté l’approfondissement, conquis grâce à lui, de ses questions éternelles [...] Mauvais élève de Kant, qui le comprendrait autrement!’ Écoutons Cassirer, reprenant et approuvant ce dernier texte: ‘Comme on voit, la position de Natorp vis-à-vis de Galilée ou de Newton, de Maxwell ou de Helmholtz. Il décline tout dogmatisme – en se réclamant de Kant lui-même, qui souligne sans cesse à nouveau qu’il ne peut y avoir en Philosophie ‘aucun auteur classique’’. Sans doute ces intentions ne garantissent nullement leur bonne exécution. Mais c’est donc précisément sur celle-ci, et sur pièces, que l’on doit juger, et non *a priori*, et sur le principe, ce que nous voulions démontrer. D’une façon générale et formelle, le thème du ‘retour’ ne peut être tenu *ipso facto* pour intrinsèquement condamnable. Il peut y avoir des retours ‘réactionnaires’, mais aussi ‘progressistes’, si l’on arrive à montrer que la période intermédiaire a été, au moins par un côté important, celle d’une erreur, d’une déviation ou d’une aberration par rapport à certaines normes”.

⁵ Dentro do quadro interpretativo dos neokantianos, fora uma pequena parte considerada como endereço comum, pode se falar de uma impostação própria por parte dos autores. O panorama dessa variação é muito bem definido no livro de Dussort. DUSSORT, H. **L’École de Marbourg**, p. 29-59.

⁶ CASSIRER, E; HEIDEGGER, M. Débat sur le Kantisme et la philosophie. In: **Bibliothèque des archives de philosophie**. vl. 12, Paris: Beauchesne, 1972, p. 28.

⁷ O caso Liebmann é de todo particular no que se refere aos neokantianos. Embora a proposta fundamental seja sempre aquela necessidade de retornar a Kant, a especificidade própria de sua preocupação está mais voltada para um debate com os pós-kantianos do que propria-

como andou se desenrolando a relação entre a filosofia crítica e o kantismo nos primeiros anos de sua inauguração.

A ideia do *Criticismo*, portanto, engloba em si não apenas o pensamento de Kant. Ela concentra as diversas elaborações que nascem de suas debilidades e da tentativa de corrigi-las⁸. O complicador principal, em todo caso, permanece a abertura de um espaço onde o próprio Kant possa se explicar frente a essas tantas interpretações e tentativas de repensar e completar as lacunas de sua filosofia⁹.

2. Superação da cisão entre fenômeno e noumeno

A tendência de romper os limites críticos postos por Kant ao conhecimento começou a se deteriorar com o *Idealismo*, e sua busca incessante de transformar os fenômenos em realidades *noumenicas*. A ideia de que a razão é predisposta a compor o mundo segundo suas próprias leis, entra de modo definitivo na filosofia de Hegel¹⁰. Mas, o que causa uma verdadeira confusão é o fato de que, contemporaneamente a essa predisposição de superar o pensamento de Kant, ninguém deseja confessar-se *antikantiano*. Por último, a necessidade de se voltar ao verdadeiro pensamento de Kant atormenta as escolas modernas, no mesmo terreno onde, já há muito tempo, prevalecia a difusão da sua doutrina¹¹.

mente interessada na evolução da doutrina crítica, como acontecerá em seguida. NEGRI, A. Il neoCriticismo. in: **Grande Antologia Filosófica**, vl. XXIII (1975) 56-58.

⁸ Dussort identifica as principais observações *pós-kantiana* ao sistema Crítico, com os quais os neokantianos e, sobretudo, Cohen se confrontarão no seu primeiro período. DUSSORT, H. **L'École de Marbourg**. p. 30: "On pourrait résumer en trois thèses les diverses critiques du criticisme présentées par Schelling ou Hegel".

1. *Thèse méthodologique*: la méthode transcendantale reste une pensée subjective, incapable d'appréhender le Vrai, accessible à la seule méthode 'absolu' ou 'speculative'.

2. *Thèse dogmatique*: L'être en soi et pour soi, est un Absolu impersonnel dont tous les phénomènes, et tout spécialement la pensée humaine, sont des modes de révélations à des degrés divers.

3. *Thèse historique*: Kant a eu le mérite de découvrir la synthèse *a priori*, mais en est resté à une conception anthropologique de celle-ci, comme de la Connaissance en général; il est par suite définitivement dépassé".

⁹ Se de um lado o pós-kantismo, articulou muitas denúncias à filosofia de Kant, o neokantismo, não segue uma linha menos interessada nos problemas da filosofia de Kant, cujo aspecto dominante é a palavra de ordem de um retorno não dogmático a Kant. Entre as próprias tendências de escolas e pensamentos individuais, surgem as formas pertinentes de ouvir a voz do Criticismo de Kant. Seja essa uma interpretação *fisiológica, ante-idealística, e das Escolas de Marburgue e de Baden*, seguem interpretações não menos heterogêneas que as de Schelling e de Hegel. Cf. NEGRI, A. Il neocriticismo. In: **Grande Antologia Filosófica**, vl. XXIII (1975) 60-89.

¹⁰ Cf. BERTOLINE, L. Apriori e storia negli scritti giovanili di Hermann Cohen. In: **Rivista di Storia della Filosofia**, 41 (1986) 266-267 (nota).

¹¹ Cf. CAMPO, M. **Schizzo storico della esegesi e critica kantiana**. Magneta-Varese: Varese, 1959. p. 3; 11.

A proposta dos neokantianos de um retorno fundamental ao pensamento *Crítico* de Kant¹² esconde um desejo, já há muito manifestado, de conciliação com o idealismo de Fichte e Hegel, que mesmo contra as recomendações de Kant fez desaparecer a reflexão sobre a *coisa em si* (*das Ding an sich*)¹³.

Quando Otto Liebmann inaugurou a necessidade de se voltar a Kant, também inseriu contemporaneamente uma série de condições, segundo as quais a interpretação kantiana deve superar os nexos dogmáticos dentro do próprio pensamento do autor. Ou seja, é necessário um retorno¹⁴, mas o seu caráter deve ser imposto através de uma releitura do avanço que a filosofia fez até os nossos dias¹⁵.

Liebmann pensa que todo o progresso dos kantianos não atingiu o ponto essencial da filosofia do mestre, pois terminaram muito mais como apologistas da filosofia de Kant que propriamente como continuadores do seu método.

O principal problema, não resolvido por Kant, tornou-se a bandeira dos pós-kantianos, e se funda com muita insistência sobre um falso conceito,

¹² Esta nota começa especificamente com a filosofia de O. Liebmann, que não entra no discutido círculo dos neokantianos, mas cuja filosofia e principalmente o método, vem acolhido com muita veemência por esta tendência. Substancialmente podemos definir este método com uma expressão que depois o próprio Liebmann irá confirmar: *retornar ao espírito da filosofia kantiana*! Entretanto, o dilema entre a *coisa em si* e o fenômeno permanecerá o constante problema da filosofia de Kant na ótica dos novos intérpretes e ganhará, por assim dizer, um estatuto próprio. GIGLIOTTI, G. **Avventure e disavventure del trascendentale**, Napoli: Guida, 1989, p. 50-51; 287-303. Esta discussão, por sua vez, tenderia a superar os limites da *primeira Crítica* para se estender diretamente ao problema da filosofia prática: “Divisant l’Etre en monde intelligible d’une part et monde sensible ou phénoménal d’autre part – qu’il ne laissait point de juger d’une très grande vérité – Kant introduisait une grave incertitude. En effet, reléguée dans le monde phénoménal, l’histoire comme science et objet de la philosophie devenait incertaine et confuse, d’autant plus qu’il fallait admettre que la liberté qui lui est intérieure n’avait son sens que dans le monde intelligible. Si l’on admet que l’histoire, à défaut d’être la patrie de l’humanité en est toutefois la demeure, une lacune ou plutôt une faille béante s’ouvrait dans le criticisme. Il ne faudrait pas croire que les efforts des disciples de Kant et de la philosophie transcendente aient le moins du monde contribué à combler dette lacune. Les premiers interprètes de Kant et même Reinhold croient que justifier le criticisme consiste ou bien à le résumer (Beck) ou bien à délayer (Reinhold en 1786)”. PHILONENKO, A. **La Théorie kantienne de l’histoire**. Paris: Vrin, 1986, p. 13.

¹³ Cf. WEIL, E. **Problèmes Kantiens**. Paris: Vrin, 1963, p. 40-43. Cf. também, LACROIX, J. **Kant e le kantisme**. Paris: Presses Universitaires de France, 1966, p. 6.

¹⁴ LIEBMANN, O. **Kant und die Epigonen. Eine Kritische Abhandlung**. p. 109.

¹⁵ Liebmann encontra quatro grupos principais de tendências filosóficas nas quais os pós-kantianos teriam se inserido: “Nach ihrer verschiedenen Auffassung des Criticismus gruppieren sie sich in vier Hauptrichtungen, -welcher wir- vorläufig, um der Sache nur überhaupt einen Namen zu geben – die idealistische, realistische, empirische und transscendente nennen wollen [...]. Die idealistische ist durch Fichte, Schelling und Hegel, die realistische durch Herbart, die empirische durch Fries, die transscendente durch Schopenhauer vertreten”. LIEBMANN, O. **Kant und die Epigonen. Eine Kritische Abhandlung**. p. 6. Estão espostas as principais linhas de interpretação de Kant, segundo Liebmann, mas nenhuma foi capaz de colher a verdadeira incoerência no progresso do Criticismo.

ou precisamente como Liebmann chamou: um *não-conceito*¹⁶. Somente este é o objetivo de todo o seu tratado: resolver a incompreensão a respeito deste *não-conceito* (*Unbegriff*). Embora Liebmann prometa revelar no futuro a natureza desta problemática sabemos desde já que ela diz respeito à ideia da coisa em si¹⁷. Para tanto, Liebmann sugere uma análise e reinterpretação particularizada da doutrina Kantiana¹⁸, a fim de eliminar a nota destoante que entrou na exposição da filosofia crítica.

O convite de Liebmann é, indiretamente, o fundamento da interpretação neokantiana da filosofia crítica, e pretende identificar a raiz maldita de todo o erro de Kant e dos seus intérpretes. O ponto principal, colhido pela tradição interpretativa de Kant, refere-se a inconsequência no desenvolvimento da primeira à segunda edição da *Crítica da razão pura*, expondo a infidelidade de Kant a si mesmo¹⁹. Aquilo para o qual Liebmann chama atenção, entretanto, não é este fato histórico, irrelevante do ponto de vista doutrinal, mas sim, o desenvolvimento da própria doutrina frente a esta infidelidade²⁰, de onde se compreende a verdadeira raiz do erro que Liebmann identificou na modificação doutrinal de Kant²¹.

O erro consiste, fundamentalmente, no excesso de concessões que Kant começou a fazer à filosofia dogmática: “em geral a inconsequência é

¹⁶ LIEBMANN, O. *Kant und die Epigonen. Eine Kritische Abhandlung*. p. 10: “Die Kantianer, im alten Sinne, erblickten darin die Hauptsache und schmückten ihre, ziemlich unbedeutenden Machwerke damit aus, in der Meinung, sich dadurch als echte Schüler des Meisters zu manifestieren. Vor dem Hauche des lebendigen Geistes ist diese Spreu längst zerstoßen”.

¹⁷ Este *Unbegriff* foi a real traição não identificada no pensamento de Kant e, por isso, fortemente reforçada por seus sucessores: “Etwas viel Bedenklicheres ist dagegen aus derselben Ursache entsprungen: Es ist aus dem Dogmatismus auch ein falscher Begriff, oder vielmehr ein Unbegriff mit herübergeschleppt worden, der nicht nur die eigene Lehre Kants entstellt und verfälscht, sondern auch an allem dem Unheil Schuld ist, das seine Nachfolger angerichtet haben. Er erbt sich fort bis ins dritte und vierte Glied; er hat dazu beigetragen, daß die Kantische Philosophie so schnell verdrängt, so bald für veraltet angesehen worden ist, daß man die Wahrheit dieser lehre noch immer durch geschliffene und gefärbte Gläser betrachtet, mag man diese auch, wie *Schopenhauer*, für Staarbrillen ausgeben”. LIEBMANN, O. *Kant und die Epigonen. Eine Kritische Abhandlung*. p. 10-11.

¹⁸ LIEBMANN, O. *Kant und die Epigonen. Eine Kritische Abhandlung*. p. 19. Depois de prometer uma análise completa do pensamento de Kant, Liebmann introduz, quase de passagem seu verdadeiro objetivo: “Jetzt müssen wir nun jene Inconsequenz, aufweisen, die, während sie in unserer Darstellung weggelassen wurde, bei Kant fast schon im Anfang mit der Wahrheit verquickt ist”. p. 23. Aqui aparece a raiz de todo o neokantismo futuro, ou seja livrar o pensamento de Kant de suas inconsequências (Inconsequenz).

¹⁹ Cf. LIEBMANN, O. *Kant und die Epigonen. Eine Kritische Abhandlung*. p. 24.

²⁰ Cf. LIEBMANN, O. *Kant und die Epigonen. Eine Kritische Abhandlung*. p. 24-25.

²¹ LIEBMANN, O. *Kant und die Epigonen. Eine Kritische Abhandlung*. p. 24: “Wenn aber in der veränderten Deduction der Kategorien und der, von der zweiten Ausgabe an hineingeflickten Kritik des Idealismus allerdings eine Untreue Kants gegen sich selbst liegt, so ist etwas viel Schlimmeres bisher fast übersehen worden, das schon in der *ersten Gestalt* der Kantischen Lehre verborgen liegt, wie der Wurm in der Frucht. Es ist hineingekommen, indem er der dogmatischen Philosophie Concessionen machte und dadurch die eigene Existenz seiner Philosophie in Frage stellte”.

esta²²”, reconhecer a existência de um objeto emancipado da forma do conhecimento²³. Isto é, um substrato de toda a forma fenomênica, que está à base dos fenômenos, e sustenta a totalidade das representações sem ser ela mesma representável²⁴, pois se encontra fora do espaço e do tempo.

A incoerência principal, nesse caso, está ligada ao valor excessivo que se manteve durante toda a constituição Crítica, a respeito da *coisa em si*²⁵, que doravante deverá desaparecer progressivamente do discurso filosófico, cedendo lugar à *representação (Vorstellung)* do sujeito²⁶. É celebre e decisiva a exclamação de Liebmann, segundo a qual, de Kant devemos realizar uma interpretação coordenada pelas leis do espírito, evitando desse modo, uma reconstituição dogmática, contrária à própria decisão do método crítico²⁷.

No todo da questão, Kant deixou um bom caminho iniciado com o seu Criticismo. Agora, Liebmann segue adiante, propondo o fim da *coisa em si* na filosofia. Ele considera que Kant, ao falar da *coisa -em -si* como fundamento dos fenômenos, terminou por sepultar sua filosofia no problema que deveria ser eliminado²⁸.

A grande pergunta, entretanto, que foi colhida por Liebmann desde o início, consiste em saber como adentrou em Kant, um espírito refinado como era, um erro tão evidente. Como ele chegou a admitir a teoria da *coisa em si*²⁹?

Liebmann expõe brevemente o desenvolvimento deste erro e de suas duas tangentes principais, ou seja, o aspecto histórico e o aspecto psicológico³⁰.

²² LIEBMANN, O. *Kant und die Epigonen. Eine Kritische Abhandlung*. p. 24: “Im Allgemeinen besteht diese Inconsequenz darin”.

²³ Cf. LIEBMANN, O. *Kant und die Epigonen. Eine Kritische Abhandlung*. p. 24.

²⁴ Cf. LIEBMANN, O. *Kant und die Epigonen. Eine Kritische Abhandlung*. p. 25.

²⁵ Desde a Estética transcendental Kant abriu as portas para o dogmatismo: “da stellt nämlich zur rechten Zeit ein ‘Ding an sich’ sich ein, welches ‘den Erscheinungen zum Grunde liegen mag’. Dies soll nun eben das außerräumliche und außerzeitliche Substrat der Welt sein, dessen bevorstehende Ankunft uns schon in dem unberechtigten Titel ‘Erscheinung’ leise angekündigt war”. LIEBMANN, O. *Kant und die Epigonen. Eine Kritische Abhandlung*. p. 26-27.

²⁶ LIEBMANN, O. *Kant und die Epigonen. Eine Kritische Abhandlung*. p. 25. Nesse passo Liebmann condena o uso da divisão fundamental kantiana, que se refere ao conhecimento como fenômeno (*Erscheinungen*): “Wie kommt er darauf? Was berechtigt ihn dazu? Die Welt darf und muß sich diesen Titel verbitten; denn sie wird durch ihn ihrer dignität, der ihr zugestandenenen empirischen Realität, d. i. Wirklichkeit, verlustig”. Com esse procedimento na crítica de Liebmann, Kant está somente perdendo uma verdade já constatada pelo método empírico; é por isso que se deve romper com a cisão entre *fenômeno* e *noumeno*.

²⁷ Cf. LIEBMANN, O. *Kant und die Epigonen. Eine Kritische Abhandlung*. p. 215.

²⁸ Na verdade Liebmann ironiza o triunfo do dogmatismo sustentado pela insistência de Kant: “Dies ist nun das Aeüßerste; der Parasit ist unentbehrlich geworden”. O. LIEBMANN. *Epigonen*. p. 27. O parasita tornou indispensável, com esta relação, em prática, restará somente um caminho a seguir, liberar a qualquer custo Kant desta ideia estranha, mas é obvio que assim fazendo já não se tratará de Kant, mas apenas de uma interpretação do seu pensamento.

²⁹ Cf. LIEBMANN, O. *Kant und die Epigonen. Eine Kritische Abhandlung*. p. 28.

³⁰ Cf. LIEBMANN, O. *Kant und die Epigonen. Eine Kritische Abhandlung*. p. 28-29.

Estas são duas questões proeminentes que devem ser abordadas antes de se dispor de uma matéria para a investigação. Historicamente Kant aparece bem preparado ante a persistência da *coisa em si*; por isso, a estética transcendental, como diz Liebmann, é uma parte inquestionável do seu sistema. Entretanto, no tocante à psicologia, Kant não soube afrontar o problema, e, deste modo, a dita *coisa em si* colocou-se em movimento por outra estrada³¹. É daqui que o trabalho de Liebmann ganha força para interpretar a filosofia de Kant, centrando-se na consideração psicológica da possibilidade da realidade *noumênica*, uma vez que do ponto de vista histórico é satisfatória a posição da estética transcendental. Vê-se assim o modo como o espírito de Kant, descuidando este aspecto fundamental da filosofia incorreu em um erro tão grave, que lhe permitiu manter ao lado da Crítica a *coisa em si*.

Há ainda outro motivo que Liebmann aponta como causa do erro kantiano — o ambiente onde Kant ensinava, marcado principalmente pela presença dos leibnizianos e wolfianos, para quem o *ens* (coisa) era tratado na ontologia. Assim, no início foi o simples fato de se fazer compreensível que conduziu Kant a falar de coisa (*ens*), que quando separada do sujeito, condição contrária ao conhecimento, foi designada como *coisa em si*. Um conceito sem relação com o seu sistema. Mas, pouco a pouco, não se curando do fator psicológico, terminaria por introduzir com toda força o conceito de *coisa em si*. Assim, “não apenas um conceito falso, impensável, vem acolhido em sua doutrina”³², mas também, o modo de entender por outro conceito a necessidade e a universalidade, já adquiridas na estética transcendental, foi colocado em discussão e perdido³³.

Doravante a única linha seguida pelo pensamento de Liebmann, é de como o malfadado conceito atingiu todo o contexto da obra kantiana, a ponto de englobar e induzir a erros, cada vez mais graves todos os intérpretes sucessivos, que ele chama indistintamente de pós-kantianos.

Certo, contudo, é o fato de Liebmann considerar cada um dos pós-kantianos dependentes da *coisa em si*, em vez de confrontar diretamente este conceito e destruí-lo de uma vez por todas. O que ele se propõe a fazer imediatamente, demonstrando a contradição desta realidade com a filosofia Crítica.

Liebmann começa definindo que “a kantiana ‘coisa em si’ é uma tentativa falida do intelecto abstrato de encontrar um conceito como resposta

³¹ LIEBMANN, O. *Kant und die Epigonen. Eine Kritische Abhandlung*. p. 29: “Wenn wir aber die beiden Betrachtungen, trotz ihrer Zusammenhörigkeit, trennen, die historische vorausnehmen und erst nach weiteren Zwischenuntersuchungen die psychologische folgen lassen, so hat dies darin seinen Grund, weil nach unserer Ueberzeugung Kant selbst sich des Ersteren bewußt gewesen ist [da dedução histórica], des Letzteren aber nicht”.

³² LIEBMANN, O. *Kant und die Epigonen. Eine Kritische Abhandlung*. p. 34-35: “Nicht nur ein falscher, undenkbarer Begriff in seine Lehre”.

³³ Cf. LIEBMANN, O. *Kant und die Epigonen. Eine Kritische Abhandlung*. p. 33.

transcendental a uma pergunta que não se pode responder³⁴”. Os idealistas tentaram simplesmente resolver o problema de como seria possível conhecer a *coisa em si*, sem perceber aquilo que já estava claro na crítica de Kant:

O intelecto cumprindo esta tentativa, pensando realizar aquela ideia impensável (*undenkbare*) cai na contradição de querer representar (*vorstellen*) o irrepresentável (*Unvorstellbares*), pensar o impensável, ele comete uma *metabasis eis allo genos* em sentido forte. – este é o significado e o destino da kantiana coisa em si³⁵. (tradução nossa)

Num passo depois do outro, Liebmann indica que todos aceitaram a efetividade da *coisa em si*. Por esse ou por aquele caminho, Fichte, Schelling e Hegel embocaram pela estrada errada, e começaram exatamente por onde deveriam ter concluído. Por exemplo, Hegel conheceu muito bem a *coisa em si* da filosofia de Kant, o que não foi suficiente para sua eliminação, e por isso, caiu no mesmo erro com o seu espírito absoluto (*absoluter Geist*), que se colocando fora do espaço e do tempo adentrou na mesma esfera da *coisa em si*³⁶. Logo, “neste ponto ele [Hegel] não corrigiu a filosofia kantiana. Assim, é preciso retornar a Kant³⁷”.

O erro interpretativo de confundir a filosofia principal de Kant exatamente com a parte que precisava ser eliminada, não encontrou acolhimento apenas no Idealismo, mas atingiu de forma generalizada, igualmente, os idealistas, realistas e empiristas³⁸, uns segundo a matéria, outros segundo a posição do espírito e outros quanto à relação dos objetos no espaço e no tempo. Mas todos pressupõem para suas filosofias a necessidade da *coisa em si*.

É espantoso como Liebmann faz interagir este conceito com a filosofia pós-kantiana, levando a imaginar ser esse o maior erro já existente na história³⁹.

³⁴ Cf. LIEBMANN, O. *Kant und die Epigonen. Eine Kritische Abhandlung*. p. 68: “Das Kantische ‘Ding an sich’ ist der verfehltete Versuch des abstracten Intellects, auf eine unantwortliche Frage einen Begriff als transcendent Antwort zu finden, wo uns nur dadurch geholfen werden kann”.

³⁵ LIEBMANN, O. *Kant und die Epigonen. Eine Kritische Abhandlung*. p. 68: “In dem der Intellect jenen Versuch macht, jene undenkbar Idee zu realisieren meint, verfällt er in den Widerspruch, etwas Unvorstellbares vorstellen, ein Undenkbares denken zu wollen, — begeht er die *Metabasis eis allo genos* im eminenten Sinne — Dies ist die Bedeutung und das Schicksal des Kantischen, Dings an sich ”.

³⁶ Cf. LIEBMANN, O. *Kant und die Epigonen. Eine Kritische Abhandlung*. p. 109.

³⁷ LIEBMANN, O. *Kant und die Epigonen. Eine Kritische Abhandlung*. p. 109: “Er hat also die Kantische Philosophie in diesem Punkte nicht corrigirt. Also muß auf Kant zurückgegangen werden”.

³⁸ Cf. LIEBMANN, O. *Kant und die Epigonen. Eine Kritische Abhandlung*. p. 6-7.

³⁹ No processo de Liebmann, o crime de todos os indicados foi a conservação de uma ideia que entrou acidentalmente na filosofia de Kant, isto é, a famigerada coisa em si (das Ding an sich). Não faltam palavras e conceitos para demonstra a culpabilidade dos acusados: “Da Herbart, obgleich selbst Kantianer, den bekannten Hauptfehler der Kantischen Philosophie nicht als eine Inconsequenz wider ihre eigenen Principien aufgefaß, also in diesem Punkte den Kriticismus nicht corrigirt, nicht dargelegt hat, wie er bei consequenter Entwicklung erscheinen sein würde, — so muß Kant zurückgegangen werden”. O. LIEBMANN. *Epigonen*.,

Apresentada a necessidade do retorno à filosofia de Kant⁴⁰ é possível rastrear a essência do problema a ser superado nela. A ideia kantiana de assumir o saber de qualquer espécie em uma interpretação fundada sobre o *idealismo transcendental*, que busca, em toda sorte de aparecimento uma dupla raiz, como já sabemos, a intuição e o entendimento, liga-se ordinariamente a uma raiz comum situada fora da experiência que Kant mesmo não desenvolveu em nenhuma explicação posterior, mas que se tornou o ponto de partida para o Idealismo de Fichte e Hegel⁴¹. É o que Liebmann mais lamenta nessas filosofias⁴².

Para Liebmann, o exercício não dogmático da retomada do pensamento de Kant passa, necessariamente pela extinção dessa ideia, estranha à filosofia⁴³.

A suposição de base constitui a realidade totalmente na *inter-ação* entre o sujeito e o objeto, que se redimensiona dentro do quadro imediato da apreensão representativa.

p. 138. Esta exposto o argumento capital contra o fundamento realístico. Vejamos o que se pensa do empirismo de Fries: "Wir können mit guten Gewissen schließen: Fries hat die Kantische Philosophie vorausgesetzt; er hat aber ihren bekannten Fehler nicht nur nicht entfernt, sondern sogar selbst adoptirt. Er hat demnach den Kriticismus in diesem Punkte nicht corrigirt. Also muß auf Kant zurückgegangen werden". *Ibid.*, p. 156. O último juízo vai contra o transcendentalismo de Schopenhauer: "[...] an sich gekannt, auch gewußt, daß es durch fehlerhafte Ableitung eingeführt war. Trotzdem hat er es, statt es zu verwerfen, beibehalten, also die Kantische Lehre in diesem Punkte nicht corrigirt. Also muß auf Kant zurückgegangen". LIEBMANN, O. *Kant und die Epigonen. Eine Kritische Abhandlung*. p. 204.

⁴⁰ Sobre a essência do retorno empreendido por Liebmann, não devemos nos dar tanto trabalho para investigar, do momento que é ele mesmo definir: "Freilich will der große Kritiker, der Feind alles unselbständigen Dogmatikus, auch *kritisch* betrachtet sein, nicht dogmatisch. Freilich dürfen wir uns nicht scheuen, ihn da anzugreifen, wo er nach unserem besten Wissen Unrecht hat; müssen wir ihn nach seinem *Geiste* verstehen, nicht an seinem *Buchstaben* hängen; und so wird denn Manches zu schärfen, zu sichten, zu ergänzen sein, z. B. der Begriff 'a priori', die Kategorienlehre, die Genesis der Anschauung u. s. w.". LIEBMANN, O. *Kant und die Epigonen. Eine Kritische Abhandlung*. p. 214. Nos preocuparemos somente em mostrar aquela parte da filosofia de Kant que cogita sobre uma realidade extra-espacial, e extra-temporal, sem contudo cair no dogmatismo. Sendo possível esta tentativa poderemos facilmente relacionar a filosofia com a história, e ainda impor um outro modo de interpretação para a filosofia de Kant, que não explica totalmente dentro da primeira *Crítica*, fator não tomado em consideração por Liebmann.

⁴¹ Cf. LIEBMANN, O. *Kant und die Epigonen. Eine Kritische Abhandlung*. p. 205-207.

⁴² Cf. LIEBMANN, O. *Kant und die Epigonen. Eine Kritische Abhandlung*. p. 6-7.

⁴³ LIEBMANN, O. *Kant und die Epigonen. Eine Kritische Abhandlung*. p. 68: "Das Kantische 'Ding an sich' ist der verfehlte Versuch des abstrakten Intellekts, auf eine unbeantwortliche Frage einen Begriff als transscendente Antwort zu finden, wo uns nur dadurch geholfen werden kann, daß durch anderweitige Befriedigung des Gefühls der Anlaß zur Frage hinwegfällt. Indem der Intellect jenen Versuch macht, jene undenkbbare Idee zu realisieren meint, verfällt er in den Widerspruch, etwas Unvorstellbares vorstellen, ein Undenkbares denken zu wollen, — begeht er die *Metábasis eis állo yénos* im eminenten Sinne.- Dies ist die Bedeutung und das Schicksal das Kantischen 'Ding an sich'".

3. *Evolução do problema na passagem pós aos neokantianos e*

Uma diferença basilar entre a interpretação dos pós-kantianos e a dos *Neokantianos* refere-se ao fato de o segundo grupo já ter aceitado as críticas fundamentais do Idealismo. Se se pensa efetivamente a Escola de Marburgo, se verá que a liberdade foi transformada em problema para ela. Principalmente porque Hermann Cohen, um de seus máximos representantes, intuiu que a primeira Crítica não permitia uma redução definitiva do conhecimento à liberdade, assim como Kant também não aceitava que a ética fosse o simples resultado das inserções da liberdade.

Embora o problema do conhecimento continue sendo a pedra de toque para a nova interpretação⁴⁴, a ética é o que inspirará os *Neokantianos* a resolverem os “conflitos” da filosofia de Kant. Para eles, a *Crítica da razão pura*, a que mais se aprofundou na investigação do conhecimento, seria a pedra de tropeço contra a impositação definitiva da *razão prática*⁴⁵. É a própria indicação de Kant a levar os ânimos a considerar a filosofia prática como aquela sobre a qual realmente vale a pena debruçar a investigação, porquanto confere um domínio concreto, diversamente do que acontece quando se usa o conhecimento teórico⁴⁶.

Da vantagem reconhecida do prático sobre o teórico é que se entende a preferência de Cohen por fundar uma reflexão centrada sobre o uso prático da razão e menos sobre o teórico, que é simplesmente limitativo. O próprio Kant deixou indicação para isso ao afirmar que,

Deve haver em qualquer parte uma fonte de conhecimentos positivos que pertencem ao domínio da razão pura e que, talvez apenas por efeito de um mal-entendido, dão ocasião a erros, mas na realidade exprimem os objetivos que a razão pretende. Pois de outra maneira, a que causa atribuir o seu desejo indomável de firmar o pé em qualquer parte para além dos limites da experiência? Presentes objetos que têm para ela grandes interesses. Entra

⁴⁴ Cf. POMA, A. *La filosofia critica de Hermann Cohen*, p. 11-12.

⁴⁵ COHEN, H. *Ethik des Reinen Willens*. In: *System der Philosophie*, II. Teil, Berlin: Bruno Cassirer, 1921, p. 393. A posição de Cohen em relação à filosofia de Kant, aparece clara em um breve declaração: “Mit dem Probleme der Freiheit beginnt ein neues Stockwerk; es beginnt und es schließt mit ihm ab”. É óbvio que é a liberdade a se transformar em problema para Cohen, principalmente porque a primeira *Crítica* não permite uma redução definitiva do conhecimento à liberdade, assim como Kant também não aceitava que a história fosse um simples resultado das inserções da liberdade.

⁴⁶ COHEN, H. *Ethik des Reinen Willens*. In: *System der Philosophie*, II. Teil, p. 292: “Sie tritt mit denn Probleme der Freiheit”. Mas não basta recomeçar de novo com outro plano filosófico, pois como já acenamos, o principal problema não é constituído imediatamente pela possibilidade de um novo recomeço, mas sim, pela impossibilidade de reduzir todos os objetos do conhecimento ao domínio da liberdade, como por fim, Cohen mesmo reconhece a respeito do uso da liberdade: “Die Frage der Anwendung beginnt”.

no caminho da especulação pura para se aproximar deles, mas eles fogem à sua frente. Possivelmente, será de se esperar mais sucesso no único caminho que lhe resta ainda, ou seja, o do uso *prático*⁴⁷.

Mas, seguindo o raciocínio de Kant, quando o destino da filosofia espelha os domínios práticos da razão, encontra, fundamentalmente, dois problemas: a estrutura natural que encerra o homem, sujeito de liberdade,⁴⁸ e a dificuldade de justificar um ser natural capaz de produzir uma vontade pura⁴⁹, razão pela qual o Criticismo impôs-se como um sistema acabado que caminha entre o fenômeno e o *noumeno*⁵⁰. Espelhando o que acontece com o homem: um ser natural que permanece irredutível à vontade alheia.

Cohen mesmo percebe essa dificuldade, e “por isso a [sua] pergunta retorna para o conceito do homem⁵¹”, e defende a discussão no âmbito jurídico⁵², motivo pelo qual a ética derivada dos contornos *Neokantianos* seguirá sempre uma coordenada sociológica, ideia que reduz a indeterminação natural ao jogo direto da liberdade⁵³.

No modo como Cohen afronta o problema da ética é realmente digno de nota a pouca concordância observada com a filosofia de Kant, pois a ética deverá ser dada sobre a totalidade dos outros objetos do conhecimento, sob pena de se tornar indefinidamente apenas uma indicação, privada de resultado⁵⁴. Mas a ética de Cohen deverá confrontar-se com a lógica se quiser permanecer como uma realidade aceitável para a existência do sujeito⁵⁵.

⁴⁷ KANT, I. **Crítica da razão pura**. Lisboa: Colauste Gulbenkian, 1994. B 823-824.

⁴⁸ Cf. COHEN, H. Ethik des Reinen Willens. In: **System der Philosophie**, II. Teil, p. 392-393.

⁴⁹ COHEN, H. Ethik des Reinen Willens. In: **System der Philosophie**, II. Teil, p. 281. No mais, Cohen aceita muito bem o fato da produção pura dos conhecimentos: “Ist er doch ein Naturwesen, welches zwar reine Erkenntnis zu erzeugen vermag; das beweist die Wissenschaft”.

⁵⁰ Cf. WEIL, E. **Problèmes kantians**, Paris: Vrin, 1963, p. 15-24.

⁵¹ Cf. COHEN, H. Ethik des Reinen Willens. in **System der Philosophie**, II. Teil. p. 393: “Daher geht die Frage auf den Begriff des Menschen zurück”.

⁵² Cf. COHEN, H. Ethik des Reinen Willens. In: **System der Philosophie**, II. Teil, p. 392.

⁵³ COHEN, H. Ethik des Reinen Willens. In: **System der Philosophie**, II. Teil, p. 392: “Wichtiger und interessanter ist die juristische Person”. Podemos fazer uma observação a esta interpretação de Cohen, afirmando somente que, de uma parte é válida e interessante a definição jurídica da pessoa, mas não pelo simples fato de que esta ‘valorize’ o conceito de indivíduo para o conhecimento, que *em si* possui uma irredutibilidade, como aliás se expressa Lacroix: “Kant n’a jamais opposé nature et liberté que pour pouvoir ensuite les reprocher”. LACROIX, J. **Kant et le kantisme**, p. 75.

⁵⁴ Cf. POMA, A. **La filosofia critica de Hermann Cohen**. p. 25.

⁵⁵ E aqui se sente a transposição sempre presente que os neokantianos operam passando da filosofia prática à filosofia teórica, sem levar em devida consideração a existência da separação entre o fenômeno e o noumeno de Kant. “Und so geht die Frage vielmehr von der Ethik auf die Logik zurück; auf den Zusammenhang von Ethik und Logik, den das Grundgesetz der Wahrheit aufrecht erhält”. COHEN, H. Ethik des Reinen Willens. in **System der Philosophie**, II. Teil. p. 393. Já está aberta a porta para sustentar a relação determinada entre a lógica, parte pura da ciência, e a prática, como conteúdo dado a capacidade de agir do sujeito livre. Mas quando tudo se reduzirá à filosofia prática então estaremos novamente de frente ao idealismo.

Digo aceitável, pois é o próprio Cohen a pensar que o uso regulador das ideias não produz nenhum efeito para o conhecimento⁵⁶.

Cohen continua pensando de modo negativo com relação ao *juízo reflexivo*⁵⁷. A grande tarefa da filosofia prática é precisamente aquela de livrar o homem, sobretudo, como sujeito ético, da falta de conteúdo que deriva de uma ordem meramente reguladora, capaz de provocar somente sonho (*Wahn*), mistério (*Dünkel*), e ilusão (*Illusion*)⁵⁸. São palavras já usadas por Kant nos *Prolegômenos* contra o perigo do idealismo empírico e do espiritualismo, que agora parecem se voltar contra a falta de apercepção que encerra a existência de qualquer objeto não condicionado pela nossa razão. O problema, por ora, para a filosofia prática é que o homem, sem referência direta ao sujeito jurídico, permanece *qualquer coisa de natural*, e, não reconhecer esta realidade seria um falso idealismo, segundo Cohen⁵⁹.

Mas se existe um falso Idealismo, fatalmente existe um idealismo verdadeiro, que se põe como fundamento da filosofia de Cohen, o que ele expressa sem nenhum constrangimento, muito embora pretenda conservar um resquício pertinente da realidade indeterminada⁶⁰.

A diferença entre o idealismo falso e o verdadeiro aparece na fundação de uma ética pura da vontade e a necessidade de se admitir a existência de objetos fatuais. Isto é, uma realidade natural como aquela do homem, considerada em sua estrutura irreduzível como *pessoa-não-jurídica*⁶¹.

O verdadeiro Idealismo, nas palavras de Cohen, é consciente desta sobra efetiva e de sua problemática para elaboração, ainda que apenas de ética pura⁶². Cohen, portanto, desloca o debate para a *convivência* da vontade pura com o circunstante fatural, mas, como “o verdadeiro Idealismo certamente não aceita depender da realidade fatural e da experiência”⁶³, está aqui o ponto chave para a interpretação do pensamento da escola de Marburgo a respeito de Kant.

⁵⁶ Cf. POMA, A. **La filosofia critica de Hermann Cohen**. p. 58.

⁵⁷ COHEN, H. Ethik des Reinen Willens. In: **System der Philosophie**, II. Teil. p. 393.

⁵⁸ COHEN, H. Ethik des Reinen Willens. In: **System der Philosophie**, II. Teil. p. 393.

⁵⁹ Cf. COHEN, H. Ethik des Reinen Willens. In: **System der Philosophie**, II. Teil. p. 394.

⁶⁰ POMA, A. **La filosofia critica de Hermann Cohen**. p. 59: “[...] essa prende le distanze dall’interpretazione fichtiana della filosofia kantiana come una filosofia della coscienza in grado di fondare ‘una dottrina della scienza’ in quanto deduce sistematicamente ogni contenuto oggettivo della conoscenza della coscienza stessa. In fondo anche questo atteggiamento è ancora il risultato di una lettura psicologica, e non trascendentale, di Kant”.

⁶¹ Cf. POMA, A. **La filosofia critica de Hermann Cohen**. p. 55-58.

⁶² O problema dominante para se interpretar o pensamento de Cohen na fundação da ética pura, além do constante recurso a uma série enorme de temáticas, permanece sempre em torno da diferença entre *Ser* (Sein) e dever-ser (sollen). POMA, A. **La filosofia critica de Hermann Cohen**, p. 130ss.

⁶³ COHEN, H. Ethik des Reinen Willens. In: **System der Philosophie**, II. Teil. p.394: “Der echte Idealismus macht sich zwar nicht abhängig, sondern durchaus unabhängig von der Wirklichkeit und von der Erfahrung”.

Cohen sabe que o seu Idealismo (*echte Idealismus*) não pode depender dos objetos da sensação, nem tão pouco pode desprezá-los; por isso, a relação entre ambos entra em uma nova fase a ser considerada. Mas o estatuto desta relação dado pela ética se dirige para os objetos, mesmo sem ter recebido nada deles através da intuição.

O dirigir-se aqui é um esforçar-se contra (*Streben*), com aquele desejo que pretende: “com o sentido do idealismo autêntico abraçar a realidade para dominá-la, para apoderar-se dela, para transformá-la”⁶⁴. É obvio que não se pensa como em Fichte e em Hegel, numa transformação no próprio pensamento, mas somente na capacidade de elaborar o conhecimento sem recursos à intuição intelectual⁶⁵.

Deste modo, são postas as bases do Idealismo autêntico de Cohen, contra o falso idealismo⁶⁶, que, segundo o próprio Cohen, estava muito mais próximo de um espiritualismo que não do idealismo da tradição⁶⁷. A problemática entre o homem natural e o sujeito de direito, sobrepõe-se às demais questões kantianas. Entretanto, ao desconsiderar a *terceira Crítica* e o justo valor que Kant atribuiu à dialética transcendental, o neokantismo não aceitou que Kant mesmo houvesse tentado resolver os problemas de sua filosofia⁶⁸.

Cohen, portanto, não reconhece a diferença que Kant explicitou entre a condição de se pensar um objeto e a sua existência de fato⁶⁹. Considerando a separação entre *ser* (Sein) e *dever-ser* (Sollen) como um erro, ele acaba dando efetividade aos dois. Por isso, o problema se alarga para fora da filosofia prática e alcança os limites da metafísica⁷⁰ e do domínio geral da crítica kantiana.

⁶⁴ Cf. COHEN, H. Ethik des Reinen Willens. in **System der Philosophie**, II. Teil. p.394: “Sondern mit dem Wirklichkeitssinn, der dem wahrhaften Idealismus eigen ist, die Wirklichkeit umklammern, um sie zu bändigen, zu meistern, zu verwandeln”.

⁶⁵ POMA, A. **La filosofia critica de Hermann Cohen**. p. 27: “Nella successiva evoluzione del pensiero di Cohen questi due aspetti del Criticismo avranno un diverso sviluppo: mentre il metodo trascendentale manterrà un ruolo centrale, la complementarità di intelletto e sensibilità nella conoscenza verrà abbandonata per una riduzione della sensibilità all’intelletto e un’accentuazione del ruolo del pensiero puro”.

⁶⁶ Cf. COHEN, H. Ethik des Reinen Willens. In: **System der Philosophie**, II. Teil. p. 393-394.

⁶⁷ E aqui se pode pensar na nova interpretação que Platão recebe nas mãos neokantianas, especialmente de Cohen e Natorp. GIGLIOTTI, G. **Avventure e disavventure del trascendentale**. p. 15.

⁶⁸ LEBRUN, G. **Kant e o fim da metafísica**. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 2-3.

⁶⁹ Cf. COHEN, H. Ethik des Reinen Willens. In: **System der Philosophie**, II. Teil. p. 394. O problema está posto no sentido que Cohen considera um erro a separação entre *ser* (Sein) e *dever-ser* (Sollen), dando efetividade aos dois. É clara a distinção posta por ele, no fato de não se referir ao dever-ser como uma entidade natural. Contudo, não respeitando esta distinção intercala o vazio entre o ser e a mera pensabilidade.

⁷⁰ COHEN, H. Ethik des Reinen Willens. In: **System der Philosophie**, II. Teil. p. 90. Onde se vê a clara conexão entre Platão e Kant, indicando contemporaneamente a relação simétrica entre metafísica e ética. Aliás, esta conexão é o suporte fundamental do neokantismo de Cohen. De fato se lê já na prefácio de 1907: “Denn man wird es auf die Dauer nicht ableugner können,

Se de um lado Liebmann anunciou que o maior erro de Kant e dos pós-kantianos foi de haver mantido a *coisa em si* na filosofia, os Neokantianos, especialmente Cohen, pensam que a falta de clareza na relação do *ser* com o *dever ser*⁷¹, foi a questão que ficou aberta e suspensa pela *Crítica da razão prática*, que eles tentarão responder agora⁷².

Kant não definiu nenhuma fórmula restrita para anunciar a cisão entre o *ser* e o *dever ser*. Por isso, Cohen passa a interpretar diversamente a relação entre a concepção de um fim e a meta última do indivíduo, redimensionado, de modo eficiente, o contraste entre o *mecanicismo* e a *teleologia*⁷³. Entretanto, onde as proposições realmente deveriam atuar na fundação pura da ética o espaço permaneceu vazio, o que impôs à ética trilhar o caminho da religião. A questão aqui se configura não porque a teleologia diz muito na metafísica dogmática, como Kant sempre admite, mas porque diz pouco para Cohen. Isto é, fala apenas do uso efetivo da liberdade do homem para depositar em uma região não efetiva do espaço a esperança de uma causalidade ética⁷⁴. A partir daqui a filosofia de Kant se transmuta inteiramente na filosofia neokantiana de Cohen, pois a liberdade não deve

daß man erst aus diesen Arbeiten lernen konnte, Kant in den Grudbegriffen seiner Methode und seines Systems zu verstehen; in dem erschlossenen wissenschaftlichen Zusammenhange mit Platon, Descartes, und Leibniz als eine warhaft geschichtliche Urgestalt zu erkennen; und dadurch erst der Gespensten aller Romantik, alles Dogmatismus und Obskurantismus entgegen für eine neue Zukunft wieder lebendig zu machen". COHEN, H. *Ethik des Reinen Willens*. In: **System der Philosophie**, II. Teil. p. XI. Com isso se abre a porta para uma nova interpretação de Kant, que culminará com a identificação entre ética e lógica.

⁷¹ COHEN, H. *Ethik des Reinen Willens*. In: **System der Philosophie**, II. Teil. p. 394: "Warum hat Kant es als Sollen scheinbar vom Sein unterschieden"? O comentário de Poma sobre esta posição kantiana demonstra os elogios e as reprovações de Cohen a este argumento. POMA, A. **La filosofia crítica de Hermann Cohen**. p. 120-123.

⁷² Cohen tem uma ideia clara a este respeito, mas realmente não assume seriamente esta divisão, ainda que possa ser retirada do pensamento de Kant, quando fala da lei moral: "A razão exprime esta necessidade, não através de um *ser* (acontecer), mas sim de um *dever ser*". KANT. I. **Crítica da faculdade do juízo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. § 76. É interessante observar a referência coheniana a esta precisa distinção: "Wir Wissen daß dabei Beweggründe mitbestimmend waren, welche durchaus die Richtung dieser unserer Frage verfolgten. Der wahre Sinn der Platonischen Idee sollte ihrer Verflachung in den neueren Sprachen gegenüber wieder lebendig gemacht werden. Daher mußte der souveräne sittliche Trotz gegenüber der Trägheit der Erfahrung aufgeboten werden. Nichts da von Erfahrung und von allem Sein der Natur: es gilt ein neues Sein. Das war sicherlich der ursprüngliche Antrieb, der zu dem Terminus des Sollen führte". COHEN, H. *Ethik des Reinen Willens*. In: **System der Philosophie**, II. Teil. p. 394-395. Eis o mero aspecto corretivo atribuído por Cohen aos objetos apenas pensáveis que Kant instituiu, separando o caráter meramente inteligível (intelligibeln Charakter) da possibilidade de se fazer uma proposição determinante sobre o fim (Endzweck).

⁷³ COHEN, H. *Ethik des Reinen Willens*. In: **System der Philosophie**, II. Teil. p. 397. O princípio dos fins, como vem chamado por Cohen, é possivelmente a alusão ao conceito de juízo reflexivo de Kant, mas neste foi apenas apontada a solução para o conflito tradicional entre *Mechanik und Teleologie*. Justa observação neokantiana, quando reclama como filosofia apenas as indicações deixadas em vista pela filosofia *Crítica*, quase como se nela não houvesse nenhuma proposta sistemática, ainda que propedêutica.

⁷⁴ Cf. POMA, A. **La filosofia crítica de Hermann Cohen**. p. 122-123.

ser confinada dentro de uma suposta capacidade *causadora*⁷⁵ de objetos que escapam da sensação, e do método mecanicista, mas deve ser colocada como um idealismo verdadeiro (*echte Idealismus*),⁷⁶ independente de toda experiência e com poder de determinar sobre ela⁷⁶.

A questão proposta sobre o fundamento puro da ética se complica com Cohen mediante a extensão do seu domínio generalizado ao campo da filosofia teórica. De fato, diz ele: “nós tínhamos apreendido na *Lógica do conhecimento puro* que a realidade efetiva não é determinada absolutamente por meio da sensação⁷⁷”. É a partir dessa proposição que se delineia toda a atividade da ética. Como não se faz necessário um recurso à sensibilidade para conhecer a realidade efetiva, tanto menos agora, quando a especulação se organiza em torno da vontade.

O problema resolvido, ou ao menos apontado por Kant, sobre a *teleologia* e o *meccanicismo*, volta a se complicar, pois Cohen não admite uma ordem puramente reflexiva para delinear o sistema do conhecimento. A liberdade não pode, doravante, permanecer como uma predisposição para *subsumir* o particular sobre o universal, devendo assim, completar o campo da experiência. Esta insinuação, entretanto, funciona bem mais, como um ulterior domínio da liberdade num campo que estava fora do seu respectivo alcance, que meramente como ideia reguladora. Dentro desta perspectiva nasce a dúvida profunda de que possa haver para a ética uma fundação baseada sobre postulados, como a imortalidade da alma e a existência de Deus⁷⁸.

Cohen parece, à primeira vista, jogar a favor dos postulados. Porém, a confusão expressa sobre o uso dos princípios (*Grundsätze*) alternados entre o uso da matemática e da ética, instaura um trocadilho que obriga à filosofia prática a necessidade de pensar a eternidade, quando a sua tarefa é somente aquela de percorrê-la fazendo uso da vontade pura. Deste modo o presente que a ética recebe dos postulados é semelhante ao *presente de Donaide* (*Danaergeschenk*).

⁷⁵ COHEN, H. Ethik des Reinen Willens. In: **System der Philosophie**, II. Teil. p. 399: “Die Freiheit kann niemals ohne Rest in der Kausalität aufgehen; sie darf nicht in ihr untergehen”.

⁷⁶ COHEN, H. Ethik des Reinen Willens. In: **System der Philosophie**, II. Teil. p. 394. Fala-se do puro (reinen) e da pureza (Reinheit) como princípios constitutivos, que aparecem contra (gegen) a realidade factual (Wirklichkeit): “aber die Reinheit vollzieht dabei die Umwendung der Wirklichkeit”, que no fim do confronto permanece apenas a efetividade do pensamento puro.

⁷⁷ H COHEN, H. Ethik des Reinen Willens. In: **System der Philosophie**, II. Teil. p.399. “Wir haben in der Logik der reinen Erkenntnis gelernt, daß die Wirklichkeit keineswegs durch die Empfindung zur Bestimmung gebracht wird”.

⁷⁸ COHEN, H. Ethik des Reinen Willens. In: **System der Philosophie**, II. Teil. p.417: “Kant hat, um diesem Widerspruche zu entgehen, einen Unterschied zwischen Grundsätzen und Postulaten gemacht. Aber dadurch ist der Begriff des theoretischen Postulates, der in der mathematischen Aufgabe sich vollzieht, verändert. Denn die Aufgabe hat zur Voraussetzung die homogene Anwendbarkeit der Grundsätze. Diese aber bildet hier die eigentliche Schwierigkeit”.

A dificuldade de solução do impasse está no fato de Cohen pretender a realização de uma ética pura, ou seja, sem a necessidade de recurso à experiência ou a postulados⁷⁹. Trata-se de uma eticidade capaz de se realizar totalmente na história, contrária àquela que, sob pena de produzir a ruptura definitiva com a política, encontra sua única realização no Céu⁸⁰. Não é conveniente ainda, sugerir se este pensamento corresponde a uma falha no Criticismo de Kant. O que precisa ser observado é a situação concreta da ética kantiana. A obrigação moral, estabelecida sobre as coordenadas das máximas universais, *espera* realizar-se como moralidade perfeita. A esperança que como sabemos, deriva dos postulados causais das ações possíveis, só adquire valor se a atividade pretendida estiver impossibilitada no mundo da experiência. Entretanto, Cohen entende que a ética pura não deve fazer recurso à experiência, principalmente porque não reconhece mais a separação entre fenômeno e *coisa em si*⁸¹.

A esperança, que Kant deixou para regular a eticidade no mundo da experiência, é agora uma pedra a ser removida pela nova reflexão⁸². A esperança aparece, a partir daqui, apenas como uma confissão que testemunha a inutilidade de se esperar em um conteúdo futuro para a realização da eticidade. Aliás, já há muito tempo que se manifestou o absurdo de pensar a ética sem a possibilidade de sua plena realização aqui no mundo, segundo Cohen.

Os postulados kantianos, que funcionam como uma espécie de esperança para a completude das realizações éticas perdem esta função, pois, como afirma o próprio Cohen, “a esperança é para os gregos, e também para suas poesias, apenas um sentimento vazio, que não têm nada mais que o medo⁸³”.

⁷⁹ Cf. POMA, A. **La filosofia critica de Hermann Cohen**. p. 27.

⁸⁰ COHEN, H. Ethik des Reinen Willens. In: **System der Philosophie**, II. Teil. p. 398: “So entsteht der Schein, als ob es die Ethik nicht über theoretische Entwürfe zu bringen vermöechte, für die im Himmel und auf Erden kein Platz ist. Auf Erden herrscht die Politik, und für den Himmel die Religion”. A preocupação de Cohen consiste em que a ética não se torne uma introdução à vida política, mas seja ela mesma capaz de se completar.

⁸¹ Cf. COHEN, H. Ethik des Reinen Willens. In: **System der Philosophie**, II. Teil. p.393-394.

⁸² As muitas evidências que conduzem a esta constatação é coesamente exprimida no seguinte texto de Höffe: “der Schüler und jüngere Kollege Langes in Marburg, untersucht in drei Werken die Kritiken Kants und gibt dann in entsprechender Dreiteilung seine eigene Fortbildung Kantischer Gedanken, wobei Kants Zweifelhait der Erkenntnisstämme und der Gedanke eines Dinges an sich verworfen werden”. HÖFFE, O. **Immanuel Kant**. München: Beck, 2004, p. 294. Entende-se o porquê da dificuldade de Cohen em aceitar o juízo regulador, ou que a ética possa subsistir sobre determinados postulados, sem prejudicar sua estrutura fundamental, pois uma vez negada a distinção entre fenômeno e noumeno, não resta que atribuir tudo aos conceitos formativos da razão.

⁸³ COHEN, H. Ethik des Reinen Willens. In: **System der Philosophie**, II. Teil. p. 104: “Die Hoffnung ist dem Griechen, auch in seiner Dichtung, nur ein eitler Affekt; von keinem höheren Werte, als den die Fucht hat”.

A esperança como lugar do não realizado incomoda a construção pura da ética de Cohen, pois sua raiz está fortemente enraizada sobre a realidade fatual do *dever-ser* (*sollen*) com o mesmo estatuto do *ser* (*Sein*), sem separação entre condição do puramente pensável e do existente que se dá na experiência⁸⁴. O resultado a que se chegará, quando se entra nesta concepção é a simples ideia de separar a ética de qualquer aspecto natural, infiltrando-a no pleno domínio da história.

O problema é que então já não se falará mais de moral nem de parte prática da filosofia, bem sim de toda a missão da metafísica, ora mais transmutada na interpretação 'autêntica' de Kant⁸⁵.

A predisposição do inventário idealista de Cohen conduz à convicção eminente onde a fundação pura da vontade explica e completa a fundação lógica do conhecimento puro⁸⁶ como uma comprovação que coloca a produção da realidade no campo da efetividade possível para o conhecimento teórico e prático.

A distinção anterior entre o *ser* (*Sein*) e o *dever-ser* (*sollen*) desaparece, pois: "o *dever-ser* não pode estar contraposto ao *ser* no sentido geral [...], Adequadamente, nós chamamos o tipo do *ser* moral ideal, [e...] o ideal é a imagem da perfeição"⁸⁷. Não cabe mais, portanto, especular sobre a possibilidade, por exemplo, de uma não realização de qualquer objeto da vontade ética, uma vez que se instituiu a equivalência entre *ser* e *dever-ser*⁸⁸.

O espaço deixado em aberto para a divisão entre o prático e o teórico é preenchido pelo valor lógico do idealismo real; deste modo passa-se a limpo três conceitos básicos da proposta de Cohen: o primeiro diz respeito à mutação do sujeito natural no sujeito ético, capaz de pôr-se indefinidamente e concentrar *em si* a eternidade⁸⁹, que tem sua única sede na vontade pura; a segunda considera a capacidade de realização total dessa vontade pura, sem recurso a qualquer espécie de postulado,

⁸⁴ O erro de Cohen se estende agora para o neokantismo de modo geral: "La faiblesse du kantisme est d'avoir trop réduit la métaphysique à la moral". LACROIX, J. **Kant et le kantisme**. p. 118.

⁸⁵ Cf. GIGLIOTTI, G. **Avventure e disavventure del trascendentale**. p. 74-75.

⁸⁶ É este o clássico problema intercalado na devida linha divisória entre o método e o objeto: "l'identificazione tra metodo e oggetto [è] considerata una sorta di distintivo della scuola de Marburgo". GIGLIOTTI, G. **Avventure e disavventure del trascendentale**. p. 96.

⁸⁷ COHEN, H. Ethik des Reinen Willens. in **System der Philosophie**, II. Teil. p. 426. "Das Sollen darf dem Sein nicht in jedem Sinne entgegengesetzt werden [...]. Demgemäß bezeichnen wir die Art des sittlichen Seins als Ideal [...]. das Ideal ist das Bild der Vollkommenheit".

⁸⁸ Cf. COHEN, H. Ethik des Reinen Willens. in **System der Philosophie**, II. Teil. p. 282; 304; 306; 307.

⁸⁹ Sem oposição à eternidade, mas como sua causa, isto é, como lugar onde a vontade e o pensamento produzem seus conteúdos. H. COHEN, Ethik des Reinen Willens. In: **System der Philosophie**, II. Teil, p. 401-402.

principalmente os religiosos⁹⁰; e, terceiro, que podemos deduzir dos dois anteriores, a impossibilidade de uma premissa reflexiva para completar sistematicamente a síntese entre liberdade e natureza⁹¹.

4. Conclusão

Os *neokantianos* recusaram a ideia de se considerar o mundo como uma dupla realidade: *fenômeno* e *noumeno*, e a reelaboraram contra a filosofia de Kant. Contudo, de tudo aquilo que podemos intuir, Kant não deixou muitas indicações para que se possa, juntamente com Liebmann e Cohen, sustentar essa posição como um estatuto fundamental de superação da Filosofia Crítica⁹². Agora, pelo menos, é claro o porquê da Escola de Marburgo demonstrar sua afeição pela impostação das ideias platônicas⁹³.

A Ideia platônica, na interpretação de Natorp, confirma a pretensão linear que se apresentou no *neocriticismo* das Escolas. Retornando ao problema da *coisa em si*⁹⁴, mediante a proposta de sua superação, foi fácil repropor o paralelo entre a ideia de Platão e o juízo regulador da Crítica do juízo de Kant. Os sintomas dessa comparação se manifestam de diversas maneiras, e a impostação acabada nos revela, bem mais, a leitura kantiana sobre a chave platônica que não o contrário como deveria ocorrer⁹⁵. Para se chegar à conclusão de que é possível comparar os juízos reguladores aos deter-

⁹⁰ Aliás, a penetração da religião no fundamento da ética é para Cohen um dos maiores problemas que a tradição filosófica 'idealista' enfrentou, e que exigiu muitos esforços de Platão a Kant incluso. Cf. COHEN, H. *Ethik des Reinen Willens*. in **System der Philosophie**, II. Teil. p. 299.

⁹¹ Cf. LACROIX, J. **Kant et le kantisme**. Paris: Presses Universitaires de France, 1966, p. 25-26.

⁹² Cf. WEIL, E. **Problèmes kantien**s. p. 22-23.

⁹³ Cf. COHEN, H. *Ethik des Reinen Willens*. In: **System der Philosophie**, II. Teil, p. XI. Cf. também, POMA, A. **La filosofia critica de Hermann Cohen**. p. 39-40: "Con l'interpretazione della teoria platonica delle idee [...], Cohen vuole innanzitutto negare la validità tanto dell'interpretazione ontologica quanto di quella psicologica. Se le idee platoniche sono state considerate per tanto tempo e da tanti interpreti come enti separati, ciò è dovuto all'ingiustificata attendibilità riconosciuta su questo argomento ad Aristotele: egli è stato il primo responsabile della distorta interpretazione ontologica con il necessario riferimento alla sostanza. L'esigenza di andare oltre alla semplice grandezza relativa, considerata dall'intuizione pura, non può provenire dalla stessa intuizione: essa è provocata da 'un altro elemento della conoscenza' la sensazione [...]. Kant purtroppo non ha posto correttamente il rapporto tra sensazione e realtà".

⁹⁴ Mediante a denúncia de Liebmann, deduzimos que o neocriticismo, desde o início, se fundou como uma tentativa de superação do dualismo kantiano. Cf. CAMPO, M. **Schizzo storico della esegesi e critica kantiana**, p. 97-125.

⁹⁵ Cf. NATORP, P. **Platos Ideenlehre**. Meiner, Leipzig, 1921, p. 217. Cf. também, POMA, A. **La filosofia critica de Hermann Cohen**. p. 36: "La nuova interpretazione di Platone in *Platons Ideenlehre und die Mathematik* è innanzitutto una nuova collocazione di Platone nella storia della filosofia, come fondatore dell'idealismo critico".

minantes, é necessário considerar a existência de uma nova perspectiva para ambos ao estilo platônico.

Em Platão a realidade substancial persiste no mundo das ideias; *eidōs* se apresenta à mente quando essa superou os dados da sensibilidade⁹⁶. Se essa realidade, contudo, pode ser colocada em paralelo com a ideia reguladora do juízo, temos que admitir a passagem para o mundo *eidético* como narração dialética que responde ao desejo da razão, sem, contudo, ser capaz de gerar nenhum conteúdo real para o conhecimento.

A trajetória do *neocriticismo* estava consciente desta realidade, por isso, o seu ponto principal toca o desaparecimento da *coisa em si*. Em seu lugar adentra novamente a ideia de representação absoluta da consciência. Mas, melhor seria falar de uma construção absoluta, que gera todas as possibilidades para o conhecimento. Poderíamos cogitar ainda, a partir daqui, que não somente o teórico perde seu significado, mas também a necessidade de haver na filosofia um juízo de caráter regulador, já que todas as atividades do pensamento se concretizam como determinativas.

As coordenadas do pensamento neokantiano estruturam-se, portanto, sobre essa proposta radical do kantismo, onde se perde uma parte consequente do discurso filosófico imposto sobre o método Crítico. É justo, por outro lado, admitir, que ao interno das escolas de Marburgo e de Baden, nunca se sustentou a pretensão de uma explicação dogmática do pensamento de Kant. O que aqui levantamos como problema é a conservação dos pontos fundamentais do pensamento que se desenvolveu progressivamente. Kant, não deixa dúvida sobre a necessidade da existência de uma realidade que não se submeta às determinações do pensamento, se não como realidade antinômica⁹⁷.

⁹⁶ Cohen, contudo não parece aceitar esta interpretação tradicional de Platão. POMA, A. **La filosofia critica de Hermann Cohen**, p. 39-40: “Se le idee platoniche sono state considerate per tanto tempo e da tanti interpreti come enti separati, ciò è dovuto all’ingiustificata attendibilità riconosciuta su questo argomento ad Aristotele: egli è stato il primo responsabile della distorta interpretazione ontologica”.

⁹⁷ Existe, contudo, uma possibilidade que nos permitiria entrar em relação com um objeto dessa natureza sem incorrer no perigo da dialética ou de cair diante de uma antinomia, mas ela é possível apenas se formada sobre uma ideia privada de princípios e de leis, por isso mesmo, segura de não entrar em conflito consigo mesma: “Contudo a faculdade de juízo *reflexiva* deve subsumir sob uma lei que ainda não está dada e por isso é na verdade somente um princípio da reflexão sobre objetos, para os quais e de um modo objetivo nos falta totalmente uma lei ou conceito de objeto que fosse suficiente, como princípio, para os casos que ocorrem”. KANT, I. **Crítica faculdade do juízo**. § 69. Entretanto, esta compreensão não parece haver tocado Cohen e os neokantianos, como mostra Lebrun: “Se a leitura ‘epistemológica’ de Cohen nos preserva de todo contrassenso ‘psicologista’, poderia muito bem ser ao preço de um pressuposto de igual gravidade. Com efeito, quando Cohen insiste na impossibilidade de interpretar psicologicamente os conceitos *a priori*, quando ele vê nessa irreducibilidade à explicação psicologista o signo de que esses conceitos são momentos de ‘consciência’ ‘originais’, ele quer sobretudo, através disso, provar que os princípios da mecânica, se eles parecem nascer na história das ciências enraízam-se na verdade em um *logos* que incumbia à *Crítica* axiomatizar”. LEBRUN, G. **Kant e o fim da metafísica**, p. 19-20.

Portanto, se a separação entre estética e intelecto for superada como resultado de uma incoerência, a razão perde os seus limites e, doravante, bastará para a fundação legítima da realidade o recurso imanente a si mesma⁹⁸.

Kant, portanto, esteve muito próximo de fundar essa realidade, contudo não desceu até o fundo do problema, permanecendo atrelado à existência de um objeto fora da consciência, a famosa *coisa em si*. A lógica pura, portanto, deixará de ser o fundamento exclusivo nas proposições da consciência, para ser o fundamento *valorativo* e real da filosofia. Não é de se estranhar que o pensamento dessa Escola tenderá a se transformar em uma filosofia dos valores, que subsistirá exclusivamente na consciência.

Referências Bibliográficas

BERTOLINE, L. Apriori e storia negli scritti giovanili di Hermann Cohen. In: **Rivista di Storia della Filosofia**, 41 (1986) 265-281.

BOUREL, B. Le retour des néo-kantiens. in: *Archives de philosophie*, 54 (1991) 518-522.

CAMPO, M. *Schizzo storico della esegesi e critica kantiana*. Magneta-Varese: Varese, 1959.

CASSIRER, E; HEIDEGGER, M. Débat sur le Kantisme et la philosophie. in: *Bibliothèque des archives de philosophie*, vl. 12, tr. P. Aubenque, J. Fataud, P. Quillet, Beauchesne, 1972.

COHEN, H. *Ethik des Reinen Willens*. In *System der Philosophie*. II Teil, Berlin: Bruno Cassirer, 1921.

DUSSORT, H. *L'École de Marbourg*. Paris : Presses Universitaires de France, 2002 (1963).

GIGLIOTTI, *Avventure e disavventure del trascendentale*. Napoli: Guida, 1989.

HARTMANN, N. *Die Philosophie des deutschen Idealismus*. Bd. I, Berlin-Leipzig: Walter de Gruyter & Co, 1923.

HÖFFE, O. *Immanuel Kant*. München: Beck, 2004.

KANT, I. *Crítica da razão pura*. Lisboa: Colauste Gulbenkian, 1994.

KANT, I. *Crítica faculdade do juízo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

LACROIX, J. *Kant et le kantisme*. Paris : Presses Universitaires de France, 1966.

LEBRUN, G. *Kant e o fim da metafísica*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

⁹⁸ Cf. CAMPO, M. *Schizzo storico della esegesi e critica kantiana*, p. 49.

LIEBMANN, O. *Kant und die Epigonen. Eine Kritische Abhandlung*. Berlin: Reuther-Richard, 1912.

NATORP, N. *Platos Ideenlehre*. Leipzig: Meiner 1921.

NEGRI, A. Il neocriticismo. in: *Grande Antologia Filosofica*. VI. XXIII (1975) 60-89.

POMA, A. *La filosofia critica di Hermann Cohen*. Milano: Mursia, 1988.

WEIL, E. *Problèmes Kantiens*. Paris: Vrin, 1963.

Endereço do Autor:

Faculdade Arquidiocesana Curvelo

3120904 Curvelo — MG

lrocht@yahoo.com.br